



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA**

ERILÂNE DE LIMA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL NA VIDA DA PERSONAGEM
MRS: DALLOWAY**

**CAMPINA GRANDE – PB
2018**

ERILÂNE DE LIMA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL NA VIDA DA PERSONAGEM
MRS: DALLOWAY**

Artigo apresentado ao Componente Curricular TCC, para a Conclusão de Curso de Licenciatura em Letras - habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de graduada.

Orientador: Prof. Me. Thiago R. Almeida Cunha

**CAMPINA GRANDE - PB
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Eirilâne de Lima.
A influência da sociedade patriarcal na vida da personagem Mrs. Dalloway [manuscrito] / Eirilâne de Lima Silva. - 2018.
39 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Thiago R. Almeida Cunha, Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Literatura - Romance. 2. Influência cultural. 3. Sociedade patriarcal. 4. Virginia Woolf. I. Título
21. ed. CDD 808.3

ERILÂNE DE LIMA SILVA

**A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE PATRIARCAL NA VIDA DA PERSONAGEM
MRS. DALLOWAY**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de graduação em Letras - Inglês, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial á obtenção do título de graduado em licenciatura em língua Inglesa.

Área de concentração: Língua Inglesa

Sub-area: Literatura Feminina

Aprovada em: 33/11/2018

BANCA EXAMINADORA

Thiago Rodrigo de Almeida Cunha NOTA 10,0

Prof. Me. Thiago R. A. Cunha (Orientador)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Celso José de Lima Júnior NOTA 10,0

Prof. Me. Celso José de Lima Júnior

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Catarina de Senna de Almeida Borba NOTA 10,0

Prof. Me. Catarina de Senna de Almeida Borba

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Primordialmente, agradeço ao meu Deus que me proporcionou realizar um sonho de criança e juventude quando achava que seria impossível, eu, Eirilâne, fazer parte de um mundo acadêmico.

Agradeço aos meus pais que lutaram por mim e comigo para a realização dessa dádiva. Dedico este trabalho principalmente a minha querida mãe **Nina**, que nunca me deixou desistir e lutou comigo até hoje e continua lutando para que eu meus irmãos possamos ter um futuro confortável, isso é para a senhora, mãe.

Aos meus irmãos, **Elane** e **Edson**, por sempre me incentivar e acreditar que eu posso realizar meus sonhos, assim como também acredito em vocês, para sempre meus bebês.

Ao meu grande amigo **Guto**, meu muito obrigado, só Deus sabe o quanto sou grata a você por ter me puxado aquela noite na escola para fazer minha inscrição no vestibular, Obrigado, mesmo.

Ao meu querido amigo e colega de classe do ensino médio à universidade, **Paulo Vanderley**, lhe sou muito grata por você ter se deslocado até minha casa para me avisar que eu havia sido chamada no vestibular, e não apenas isso, mas todos os momentos em me ajudou de boa vontade sempre que precisei com os trabalhos da universidade.

Ao meu tio **Edmi** e sua esposa **Piquena**, por terem me acolhido em sua casa ao longo do curso, sempre me incentivando e fazendo de tudo para que eu me sentisse em casa. Muito obrigado.

À todos os professores da UEPB dos quais tive a honra de ser aluna, guardarei para sempre seus ensinamentos. Sem esquecer do meu orientador, **Thiago Almeida**, que me apresentou ao maravilhoso mundo da Literatura.

Aos meus AMIGOS, de classe, **Anderson**, **André**, **Eduarda**, **Paulo**, **Vilmara** e **Neto** que me ajudou bastante me acolhendo em sua casa por um período e também por todos que fizeram parte de nossa turma, mais do que colegas vocês são meus Brothers, eu amo vocês.

Aos meus amigos fora do ambiente acadêmico, mas que se fazem muito importante em minha vida. Obrigada.

Enfim, esta foi sem dúvida alguma, a experiência mais gratificante da minha vida, muito obrigado aqueles que contribuíram direta ou indiretamente nesta etapa da minha vida, MUITO OBRIGADO!

*Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às quatro horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática".
Paulo Freire*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE DO SÉCULO XX.....	07
2 O PODER PATRIARCAL NA VIDA DA MULHER.....	11
2.1 UM POUCO SOBRE A EDUCAÇÃO DA MULHER NO SÉCULO XX.....	14
2.2 A MULHER E O TRABALHO NO SÉCULO XX	16
3 UMA BREVE DESCRIÇÃO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER VITORIANA NO SÉCULO XX	18
4 RELAÇÃO ENTRE VIRGINIA WOOLF E MRS. DALLOWAY	20
4.1 CLARISSA: RICHARD DALLOWAY OU PETER WALSH.....	23
4.2 CLARISSA: SOCIEDADE X SALLY SEATON.....	26
5 MRS. DALLOWAY: A INFLUÊNCIA DA SOCIEDADE EM SUA VIDA.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

RESUMO

A vida é feita de escolhas e muitas vezes a pessoa que faz uma escolha não está pensando unicamente em suas vontades e sim no que os outros vão pensar. Não é de hoje que o ser humano costuma tomar decisões baseadas no meio social em que vive, tornando-se assim um ser obediente. Este trabalho apresenta uma análise de como a sociedade teve influência na vida da personagem Clarissa, na obra *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf. Além de, apresentar como era o papel social da mulher na era vitoriana. Para fundamentar esta pesquisa, utilizamo-nos da contribuição de teóricos como: Michelle Perrot (2016), Michel Foucault (1988), Pierre Bourdieu (2012), Pereira (2010), entre outros. Nossa pesquisa está classificada como pesquisa bibliográfica, desde que, recorremo-nos a livros e artigos como objeto de estudo. Observamos na personagem, Clarissa, que suas escolhas foram feitas com base no que a sociedade ditava, contudo, em seu íntimo era também o que a mesma queria, apesar de muitas vezes parecer arrependida de suas decisões feitas na adolescência, quando aparentava ter o desejo de mudar o mundo ao lado de seus amores. Desse modo, conclui-se que, embora *Mrs. Dalloway* tenha escolhido viver uma vida tradicional, seguindo os preceitos da sociedade e demonstra muitas vezes arrependê-la, a própria busca em suas decisões, motivos para ter tomado o melhor caminho, pois em sua condição de mulher, essa era a única forma de viver confortavelmente.

Palavras-chave: *Mrs. Dalloway*; Sociedade; Influência; Escolhas

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva discutir a influência da sociedade e as escolhas feitas pela personagem Clarissa, mimetizada no romance da autora Virginia Woolf: *Mrs. Dalloway*. Nosso foco principal é investigar e discutir sobre o peso da sociedade na vida de *Mrs. Dalloway*, e para isso, fazemos um pequeno aparato sobre como era a vida das mulheres damas da sociedade no século XX na Inglaterra, com isso pretendemos investigar o quão a sociedade e o pai de uma *lady* tinham o total domínio de suas vidas. Objetivamos ainda, investigar sobre o papel da mulher na sociedade na época de 1925, o poder patriarcal na vida da mulher e o papel social da mulher enquanto dona de casa. Pela perspectiva da personagem Clarissa Dalloway.

Diferente dos dias atuais o papel da mulher na sociedade do século XX era dedicar-se exclusivamente ao lar e ao marido. Não possuía o direito de expressão em relação ao exterior de sua casa, sendo vista com inferioridade perante os homens. Era fadada a seguir os costumes de ser uma boa dona de casa, esposa e mãe de família. Sua participação na sociedade era mostrar-se uma dama respeitável que dedicava-se totalmente ao seu marido e da mesma forma educar suas filhas, para que seguissem os mesmos costumes de serem de certa forma; submissa aos homens.

Dominada pelo poder do patriarcado, a mulher via a si mesma como impossibilitada de alcançar suas vontades, incapaz de realizar-se profissionalmente sem que houvesse interferência do pai ou do marido, e não esperava um futuro divergente.

É fundamental esclarecer que a motivação para esta pesquisa, partiu da necessidade de entender como era vista e tratada uma mulher da alta sociedade em Londres no século XX, pela visão da autora Virginia Woolf em seu romance *Mrs. Dalloway*. Assim como, incitar o valor da mulher, relatando e refletindo sobre como a sociedade no geral tinha um enorme peso na vida dessas mulheres, mais precisamente na vida de Clarissa Dalloway que mesmo tendo tanto conhecimento preferiu seguir o que era dito pelo patriarcado.

Esta investigação se justifica por promover uma discussão acerca de como era a vida de uma mulher da alta burguesia, como era a sua vida social já que de acordo com os costumes deveria apenas servir a casa e o marido. Diante deste problema, discutir sobre seu íntimo, sua mente, como elas realmente se sentiam e se almejavam ter um futuro diferente, em que pudessem ter opinião sobre sua vida. Podendo-se analisar futuramente quais sequelas herdamos daquela época e carregamos até os dias atuais.

Esta pesquisa é do tipo bibliográfica qualitativa-descritiva. Para a construção deste projeto, utilizaremos uma pesquisa qualitativa, visto que, nossas análises serão produzidas através das características de alguns personagens. De acordo com Moreira e Caleffe (2008, p.73) “a pesquisa qualitativa explora as características dos indivíduos e cenários que não podem ser facilmente descritos numericamente. O dado é frequentemente verbal e é coletado pela observação, descrição e gravação”. Faremos uso de artigos e livros bem como os dados a serem analisados serão a partir da obra narrativa *Mrs. Dalloway*.

Qualificamos nossa pesquisa como explicativa, uma vez que, “sua preocupação central é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos” (GIL, 1994 *apud* MOREIRA; CALEFFE, 2008, p. 70).

Ao ler uma das obras da autora inglesa Virginia Woolf, intitulada “*Mrs. Dalloway*” (1925), podemos perceber como era a vida de uma dama da sociedade na Inglaterra no século XX. A autora demonstra em sua obra não só como a mulher era vista na sociedade mas, retrata seus sentimentos, seus medos, desejos, incertezas e suas escolhas.

Nessa obra, a autora Virginia Woolf mostra o que no pós-guerra era um dos grandes motivos para a mulher se sujeitar a levar uma vida de esposa, mãe e dona de casa, sem perspectiva de um futuro diferente. No entanto, existe na trama alguns outros personagens a saber Peter Walsh e Sally Seton que se mostram independentes, rebeldes e não gostam de seguir regras.

Nosso artigo está organizado em quatro momentos, conforme o auxílio de autores tais como: Bourdieu (2002), Foucault (1988), Pereira (2010) entre outros. No primeiro momento, uma síntese sobre o papel da mulher na sociedade do século XX. No segundo, também uma breve síntese sobre o poder patriarcal na vida mulher, onde incluiremos um tópico relacionado a educação da mulher. No terceiro momento, discutiremos sobre o envolvimento da mulher no trabalho e abordaremos um pouco sobre sua sexualidade. Por fim a análise sobre a influência da sociedade nas escolhas de *Mrs. Dalloway*.

1 O papel da mulher na sociedade do século XX

Nos anos Vitorianos, a mulher era vista na sociedade como um ser inferior, um ser frágil cuja figura era estrita as obrigações impostas ao seu gênero (feminino). Tratada como bem do marido, suas ações eram controladas e seus desejos negados. A pureza e delicadeza eram traços honrosos considerados pela burguesia da época.

Contudo, a fineza de uma mulher era uma máscara que encobria sua condição pessoal e social enquanto ser humano. Não podia governar a si própria, já que, no período da infância seguia as ordens do pai e quando adulta passava a seguir ordens de um outro homem, seu marido, pois a mulher não tinha direito algum sobre si. Às mulheres vitorianas eram traçados modelos de como deveriam aparentar e como deveriam comportar-se perante a sociedade, a delicadeza e submissão seria os pontos fortes desse “modelo”. Nesse sentido Pereira afirma que:

O perfil da mulher é delineado. Pura, delicada, passiva, submissa e bela, assim deveriam ser as mulheres vitorianas. Almas tão puras não podem ser corrompidas com negócios ou ciência, e corpos tão frágeis não tem condições de trabalhar para o próprio sustento (2010, p.1).

Esse status de impossibilitação era o acordo de vida de muitas mulheres, a dura realidade de ser passível aos costumes de uma sociedade moralista decorria de sua condição enquanto mulher, pois eram consideradas como “o sexo frágil”, sendo assim incapazes de sobreviver por conta própria. A única maneira consistente de permanecer no meio burguês era contentar-se com a hierarquia dominada pelo poder masculino.

Há todo um enfeite em relação a mulher, como se depender de outros (homens) para digamos, pegar no pesado, em relação aos afazeres no exterior do lar fosse uma forma merecida de contentamento. Durante toda sua infância e mocidade a mulher era instruída a ser uma dona de casa, seus estudos e ideais são por completo baseados em função de se tornar uma zeladora

do lar. Predestinada a viver em constante obediência, todas as fases de seu crescimento eram embasadas no que o progenitor da família decidia ser certo ou errado, sem que houvesse intervenção alguma por parte da matriarca, pois devido ao fato de também ser mulher, sua opinião de nada valia, já que vivia como igual as filhas, norteadas pelas ordens rigorosas antes de seu pai e agora de seu marido. A mulher era por lei obrigada a obedecer. Segundo Magalhães quando fala sobre o código de Manu¹ é notável o quanto a mulher era submissa aos homens, a autora diz que:

O código de Manu, na antiga Índia, foi talvez um dos mais rigorosos em relação à mulher. Diz o art. 415 dessa lei que " a mulher durante a sua infância depende do pai, durante a mocidade do marido, porque a mulher nunca deve governar-se à sua vontade (1980, p.125).

O que se percebe nesta lei é o quanto a mulher era vista de uma maneira arcaica e limitada em que era guiada ou até mesmo controlada não só fisicamente como também psicologicamente, vivendo em um meio em que não ter opinião própria ou objetivos de vida deveria ser completamente natural ao sexo feminino. Segundo Woolf:

Ela era extremamente simpática. Imensamente encantadora. Totalmente altruísta. Excelente nas difíceis artes do convívio familiar. Sacrifica-se todos os dias. Se o almoço era frango, ela ficava com o pé; se havia ar encanado era ali que ia sentar - em suma, seu feitio era nunca ter opinião própria e preferia sempre concordar com as opiniões e vontades dos outros. E acima de tudo - nem preciso dizer- ela era pura. (2016, p. 11-12)

Para a mulher cabia-lhe apenas a obediência e o sacrifício em seu próprio lar, ela era sempre a segunda opção e doava-se por completo a ponto de deixar que a opinião dos outros fosse também a sua.

Seguir os preceitos de uma sociedade moralista e controladora parecia ser o correto a se fazer. Por inúmeras razões, tal qual, o patriarcalismo se sobrepõe imensuravelmente, os interesses das mulheres eram subjugados inexistentes, partindo do pressuposto de que, sua vida era indiscutivelmente planejada pelo seu genitor não havendo assim sentido algum almejar algo que lhes parecia ao todo impossível. Manter o lar organizado e cuidar da casa, do marido e dos filhos deveriam ser seus únicos objetivos de vida.

¹ Manu, foi o primeiro legislador de que se tem notícia na humanidade foi escrito em sânscrito para a civilização Hindu. O código de Manu é tido como a primeira organização geral da sociedade sob a forte influência religiosa e política. Nele, há uma série de ideais sobre valores, tais como verdade, justiça e respeito. Seu conteúdo é baseado no sistema Varnas (castas), que determina o valor da pessoa. Originalmente, esse código era cem mil dísticos (grupos de versos) mais foi reduzido para 2.685 dísticos, distribuídos em doze livros.

Claramente o descaso em relação aos desejos das mulheres é evidente, esses (desejos) sejam eles pessoais ou profissionais não eram levados em consideração, na verdade, não deveria sequer existir uma mínima possibilidade de pensamento crítico em relação a sua condição no meio social ao qual faziam parte.

Podemos inferir ainda que, mesmo que as mulheres mostravam-se iguais aos homens no sentido de um trabalho que fugisse dos padrões de um lar, não havia o menor interesse em permitir-lhes-ás ocupar qualquer outra função que não, dona de casa e mãe de família. O que leva muitos ainda hoje a acreditarem que o trabalho de casa é leve, não exigindo esforço, sendo assim, o mais apropriado para mulheres ao invés dos homens. Nessa perspectiva, é tudo muito belo e fácil, tudo que a mulher da época deveria fazer era cuidar de sua residência e portar-se como uma dama da alta sociedade na qual suas obrigações exteriores seriam apenas participações em bailes ou como anfitriã de sua própria festa. Assim como descreve Pereira:

O papel da mulher na sociedade vitoriana do século XX limita-se à vida doméstica, compromissos sociais como organização e participação em bailes, visitas à igreja ou à paróquia da cidade ou chá durante a tarde com outra respeitável dama (PEREIRA, 2010).

Perante essas afirmações podemos deduzir que não havia motivos com os quais as mulheres devessem se preocupar, já que não precisariam empreender esforços fora do âmbito de sua morada. Se quando criança fora instruída por sua mãe a seguir os princípios que a própria igualmente foi ensinada, permaneceria no mesmo ciclo vicioso que o conservadorismo mantém e o contentamento se torna a única saída para enfrentar a dura sociedade.

O casamento era pois, o auge da criação das moças, era o propósito maior de sua educação, seguir os preceitos familiares casando-se com um homem de boa índole e de preferência de família nobre com uma posição respeitável na sociedade. Nessa perspectiva, pode-se inferir que além de não poder tomar decisões a respeito de sua vida social a mulher igualmente não possuía o controle de seu corpo, exatamente tudo que havia de “seu” era agora transferido ao seu cônjuge como afirma Pereira:

Depois de casada a mulher além de continuar submissa ao pai, tinha agora como senhor maior o marido, ela que já não tinha direito sobre a herança, perdia agora o direito sobre seu próprio corpo. A esposa ideal era dedicada e passiva, ocupava seu tempo com os filhos e afazeres domésticos. (2010, p.3).

O fato de casar-se e sair do domínio dos pais não significava liberdade, e sim, uma outra forma de ser submissa; não era suficiente passar toda uma vida dedicada a fazer as vontades do pai, depois do casamento ganhava-se um outro possuidor designado como seu

marido e além dele os filhos. Dedicar-se ao lar era tudo que deveriam fazer, uma boa esposa fazia todas as vontades do marido, viviam em função dele e do lar, suas opiniões não eram levadas em conta a não ser que fosse algo se tratando da casa, pois como matriarca da família era preciso dominar parte do espaço, sem se impor diante da autoridade do marido.

Parecia-se completamente natural a situação de inferioridade da mulher perante os homens, a condição de insignificância era destinada desde sempre, mesmo quando a mulher não estava sob as ordens do pai ou do marido, estava sob a vista rigorosa da sociedade.

Como já fora citado, é como se a tarefa das mulheres no dia a dia fosse fácil, tudo que se tem que fazer é cuidar da sua morada e de suas crianças, o exterior ao lar não lhe diz respeito, outros assuntos como por exemplo a economia doméstica só eram tratados por elas em relação a casa pois aos homens isso não lhes era compelido. Conforme afirma Bourdieu:

É a elas que cabe a tarefa longa, ingrata e minuciosa de catar, no chão mesmo, as azeitonas ou achas de madeira, que os homens, armados com a vara ou com o machado, deitaram por terra; são elas que, encarregadas das preocupações vulgares da gestão quotidiana da economia doméstica, parecem comprazer-se com as mesquinhas do cálculo, das contas e dos ganhos que o homem de honra deve ignorar. (2012, p. 41).

Podemos observar assim, o quanto as mulheres eram condenadas, a todo momento, a feição de inferioridade que lhes era impregnada. Se lhes era obrigado tomar conta da casa, logo as contas de economia doméstica também eram de sua responsabilidade, e apenas desse modo as mulheres damas da sociedade tinham acesso a cálculos ou alguma outra tarefa que não fosse apenas o cuidado com a família.

Não há como objetivo falar sobre os deveres dos homens na sociedade, no entanto, faz-se necessário por menor que seja, acrescentar que os trabalhos exercidos pelos homens como trabalhar em fábricas eram antes de tudo selecionado por suas capacidades biológicas e é claro por padrões impostos pela sociedade, uma vez que, sua condição física é a que predomina diante dos dois sexos. De acordo com Bourdieu:

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. (BOURDIEU, 2012, p. 41).

A vida das mulheres era indubitavelmente ditada pelo companheiro, muitas viviam enclausuradas em seus lares sob as ordens dos maridos à mercê de um casamento feito nos padrões antiquados, sustentados por bases ideológicas criadas pelo patriarcalismo, que lhes

negava participar ativamente da sociedade e como conseguinte lhes tomavam a liberdade. “Na burguesia, o homem frequentemente dispunha de um grande tempo livre; ele ia ao clube jogar cartas e ler os jornais” (ARÏES; DUBY, 2009, p.66).

A mulher vitoriana, geralmente ficava sobre o teto de sua casa realizando suas tarefas do cotidiano, elas podiam sair, é óbvio, no entanto, os lugares onde poderiam visitar eram delimitados não só por seus maridos, mas também pela sociedade. Segundo Laslett:

É evidente que as mulheres pudessem ter um pouco de distração, mas os homens, estes despojaram da cultura e do lazer até mesmo diariamente. Além das idas ao mercado, a aparição pública das mulheres casadas, fora dos círculos da família, era apenas para o serviço na igreja. (1996, p.37).

Esta distração poderia ser uma forma de contentamento quando leva-se em conta o desejo de participar de alguma forma da sociedade, porém não é nada por vontade própria, não eram as mulheres que simplesmente decidiam sair de casa e ir à igreja, esta era, na verdade, um dos únicos lugares que poderiam visitar fora das paredes de seu lar. Já aos homens eram livres para fazer suas escolhas e desfrutar livremente da cultura e de outros lugares de sua preferência pessoal. Pois o patriarcalismo, poder que dominava a época, lhes dava subsídios para isso.

2 O poder patriarcal na vida da mulher

Entende-se o patriarcalismo como o poder que o pai tem sobre a mulher, não é de hoje que o homem é visto muito superior à elas (mulheres) isso se dá por conta de uma sociedade patriarcal da qual o homem domina e tem controle sobre tudo. A ideia de supremacia dos homens perante as mulheres perpassou por anos, pois aos mesmos é dado o controle de tudo, são eles antes de tudo privilegiados. Apanhando como exemplo a igreja católica², tem-se o padre e como igual a freira, apenas o padre pode rezar a missa, no entanto, a freira que participa ativamente da igreja tal qual o padre, não tem esse direito.

Detentores do poder, logo também do conhecimento era conveniente aos homens a ideia de superioridade diante do feminino, as mulheres eram objetificadas e condicionadas a inferioridade e naturalmente isso deixaria os homens em uma posição confortável. Há estes, como predominantes socialmente e economicamente, lhes era cabível permanecer em maior status e não abrir brechas para que um outro poderio tomasse seu lugar de soberania. Era natural

² Não há a necessidade de nos aprofundarmos em nenhuma igreja ou religião aqui, apenas usamos um exemplo rápido de esclarecimento sobre o poder do homem diante da mulher.

ver a mulher na cozinha, não havia necessidade de lhes dar uma posição igualitária ao masculino.

O conservadorismo do poder patriarcal e seus valores antiquados fazia com que as mulheres fossem vistas como servas, o sistema social que as cercava, as mantinham excluídas e desconsideradas. É importante ressaltar que o poder patriarcal não é especificamente culpa dos “homens” e sim de um sistema social, o patriarcado, que via esses indivíduos com capacidades biológicas superiores às mulheres.

Aos homens eram encarregados a dominância à política e liderança financeira, ou seja, os pilares que movem uma sociedade e principalmente o domínio de seu lar, já que era encarregado de cuidar da família lhes provendo as necessidades básicas de um ser humano, pois mesmo que caiba às mulheres o dever de cuidar do lar, a opinião de seu marido é a que tem maior relevância, além de dominar os espaços públicos é dele também o comando dos espaços privados. Contudo, Perrot inteirava que:

(...) nem todo público é o "político", nem todo o público é masculino. A presença das mulheres, tão forte na rua do século XVIII, persiste na cidade do século XIX, onde elas mantêm circulações do passado, cercam espaços mistos, constituem espaços próprios. Por outro lado, nem todo o privado é feminino. Na família, o poder principal continua a ser do pai, de direito e de fato. (...) a fronteira entre o público e privado é variável, sinuosa e atravessa até mesmo o micro-espaço doméstico. (1988, p. 180).

Nitidamente, vemos nesta afirmação que, mesmo que as mulheres pudessem porventura participar de algo na sociedade, é evidente que o poder patriarcal submerge toda e qualquer chance da mesma poder governar-se por si própria sem que tenha um homem em seu encaixo ditando tudo que ela deve fazer.

Desde os primórdios, a mulher vitoriana, vem sendo condicionada a ser obediente e viver sob ordens inatas da sociedade, que através do poder patriarcal as domina por completo. A ideia patriarcal sempre foi o início da dependência da mulher, apenas o pai, autoridade maior, pode designar o que a filha, por ventura, venha a fazer. Para as mães não lhes cabiam argumentar, pois as mesmas eram sujeitas total e exclusivamente a seus maridos.

O ciclo permanece em movimento, o casamento para o pai é visto como um negócio ou acordo entre famílias, de preferência gente da alta sociedade. Geralmente, as damas da alta sociedade “possuíam” dotes que eram administrados por seu pai, ou seja, não possuíam acesso diretamente ao dote, sendo assim, não haveria um modo de viver no conforto a não ser que se casassem com um rapaz de família rica. Obviamente, devido a ordem patriarcal o dote da

mulher passaria agora a ser administrado por seu marido restringindo-lhe assim o acesso às suas próprias posses. Como afirma Pereira:

À moça de uma família rica cabe apenas a fortuna que corresponde ao seu dote, que até casar-se é administrado por seu pai e após o casamento passa para o marido. Impossibilitada de trabalhar devido à posição que ocupava, e sem poder sustentar-se porque não herdará a fortuna de sua família, a única maneira de uma dama inglesa levar uma vida confortável e decente era se casando. O casamento, porém era outra área na qual as mulheres eram submissas, não tinham vontade própria. O casamento era arranjado pela família da moça, que acostumada a obedecer não relutava em casar com quem o pai ordenasse. O noivo era escolhido por diversos motivos, pela riqueza que possuía, pela posição que ocupava na sociedade ou simplesmente por acordo entre as famílias, o amor era algo supérfluo, uma boa união surgia pelos interesses da família, e não de um sentimento egoísta, o casamento não passava de um negócio. (2010, p.3).

Nos anos vitorianos os poderes das mulheres eram totalmente limitados e não valia muito a pena tentar se impor diante das ordens do pai, que achava que o casamento era o melhor negócio para a vida de suas filhas, mesmo que em sua essência desejasse por exemplo escolher seu marido, já que teria de casar de todas as formas, não se permitia pensar, pois o que seu pai decidisse seria lei. Muitas das relações entre pais e filhas eram um tanto egoístas da parte do pai, quando se diz respeito à escolha de um noivo, pois não bastava haver interesse entre os dois, o importante seria a posição social da família do noivo. Por outro lado, deve-se levar em conta, à época, pois, desde tempos mais remotos, a sociedade inteira tinha essa visão da mulher: que ela era frágil e não tinha condições de trabalhar. Nesse caso, o ideal seria o casamento, pois, se a moça passava dos trinta e não casava, não era vista com bons olhos e, é notório, que nenhum pai desejava que sua filha fosse citada de uma maneira errônea, ainda mais quando a família tinha uma certa reputação a zelar.

O modelo ideal para qualquer moça do século XX, era de qualquer maneira casar-se e tornar-se uma perfeita dona de casa. Como já mencionado diversas vezes neste texto, a mulher na condição de criança e adolescente era dependente do pai, e eram lhes ensinados preceitos para se tornar a esposa ideal, fazer as vontades de seu marido e cuidar de seus filhos. Ao invés de sonhar em ser livre e independente, ter seus direitos igualitários diante dos homens, muitas mulheres sonhavam em ser iguais às suas mães e casar-se com homens iguais aos seus pais, pois a figura paterna servia como espelho para se ter o homem perfeito e um casamento virtuoso. Além disso, não permitiam que suas filhas estudassem como deveriam, em uma escola ou faculdade normal com disciplinas acadêmicas para trabalhar no futuro, seu estudo era totalmente centrado em como ser uma boa esposa e uma boa mãe.

2.1 Um pouco sobre a educação da mulher no século XX

Faz-se necessário seguir na mesma linha de raciocínio do poder patriarcal, pois é ele quem determina quais os papéis sociais dos homens e por conseguinte das mulheres. Às mulheres ocorre-lhes que, segundo esse sistema social não estão aptas a decidirem e tomar controle de suas vidas. Seus desejos e interesses acabam sendo comprimidos e tidos como sem serventia alguma. Sua educação servia apenas ao propósito de se tornar uma dama da sociedade e uma perfeita dona de casa.

Não havia a necessidade de uma formação já que elas não precisariam “trabalhar” fora do lar. Entretanto, havia também as mulheres que não faziam parte da alta burguesia, a essas se não obtinham a sorte de arranjar um bom casamento, era necessário aprender alguma coisa para que pudesse sustentar a si mesma e ajudar a seus pais.

Não quer dizer que, uma dama da sociedade fosse uma ignorante, contudo, ela deveria aprender apenas o necessário para se portar como uma *lady* e uma esposa admirável. “Disciplinas acadêmicas ou estudos mais profundos não eram necessários à mulher, ela tinha que exercer o papel da mãe” (PEREIRA, 2010, p.5). O fato de não precisar trabalhar era usado como argumento para a não participação das mulheres nas escolas, pois, já que não precisavam exercer nenhuma profissão mediante a dos homens, não era cabível frequentarem a escola ou simplesmente ter acesso a um tipo de educação, sendo nesse caso privilégio dos homens.

A educação das mulheres da época vitoriana tinha um propósito específico, como aprender a costurar e cozinhar, do qual não se via outra alternativa que não fosse ser donas de casa e mãe de família e nada mais além disso, a não ser que fizessem parte de uma família humilde que não frequentasse os mesmos lugares daqueles que eram nobres. Machado afirma que:

A educação das mulheres se restringia a atividades que fossem úteis no ambiente doméstico, desprovidas de valor no mercado de trabalho da época, como costurar, aprender música ou desenvolver habilidades artísticas. (2004, p.3).

A educação das mulheres não as preparava para o mercado de trabalho como a dos homens, tudo que aprendiam seria somente de serventia para dentro de sua casa, como costurar as roupas de seu marido ou filhos ou até mesmo aprender música e poesia para declamar para os mesmos quando estivessem todos reunidos.

As mulheres recebiam uma educação diferenciada da dos homens, para muitas a costura foi a forma de contribuição para o sustento da casa. As mais humildes trabalhavam como governantas. Para os pais de família rica, na sociedade capitalista a educação era desnecessária, no entanto só era condizente que aprendessem a se portar como uma dona de casa e uma mulher respeitável. De acordo com Machado:

Os pais acreditavam que uma educação séria para suas filhas era algo supérfluo: modos, música e um pouco de francês seria o suficiente para elas. Aprender aritmética não ajudará minha filha a encontrar um marido, esse era um pensamento comum. Uma governanta em casa, por um breve período, era o destino habitual das meninas. (2004, p.3).

Podemos inferir neste caso que, a única formação da qual estava totalmente envolvida era em como cuidar de uma casa, dos filhos e do marido, nada em função de si mesma, sempre pensando nos outros, nesse caso na família. Permitir que suas filhas usufruam de um outro aprendizado envolvendo um âmbito escolar não era de agrado dos pais. “Dar discernimento e acesso à leitura e escrita, de forma aberta, seria dar poder ao imaginário feminino e com isso, subsídio para saírem de seus casulos, seria uma ameaça ao bem estar da sociedade patriarcal”. (Oliveira, 2017, p.16)

Não lhes era de agrado que a mulher pudesse ter um pensamento livre, que a mesma fosse capaz de discutir sobre política, o ideal seria que elas sempre fossem alheias aos direitos e deveres do feminino e também masculino. Elas não podiam ser independentes, era censurado qualquer tipo de envolvimento que as mulheres chegassem a ter na sociedade patriarcal, esse seria um dos grandes motivos para impedir que tivessem acesso à educação. Segundo Perrot:

É preciso, pois, educar as meninas, e não instruí-las. Ou instruí-las apenas no que é necessário para torná-las agradáveis e úteis: um saber social, em suma. Formá-las para seus papéis futuros de mulher, de dona de casa, de esposa e mãe. Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício...que tecem a coroa das virtudes femininas. (2015, p. 93).

A educação das moças em suma, servia-lhes para torná-las um modelo de mulher da sociedade, o que era aprendido era totalmente voltado para a sociedade burguesa que tinha a ideia de que o ser humano mulher de linhagem nobre devia ser moldado conforme os costumes, uma vez que, a base para a formação dos valores essenciais para se viver em sociedade obtém-se pela educação familiar, logo sua educação era voltada inteiramente para ser dona de casa, esposa, mãe e por fim obediente. Como era responsável pela criação dos filhos era dever da mãe educar lhes. Todavia, as mulheres mais afortunadas pagavam para que outras (mulheres)

educassem suas filhas, essas eram tidas como governantas. Sua tarefa consistia em educar as filhas das famílias ricas para que as moças pudessem se tornar uma perfeita dona de casa e ao mesmo tempo ter prestígio diante da sociedade que as cercava.

2.2 A mulher e o trabalho no século XX

Nos anos 20, como já foi discutido, não era comum que as mulheres trabalhassem, o ideal seria casar-se e ter filhos. Contudo, havia algumas moças que, por não possuírem um poder aquisitivo considerável, eram obrigadas de alguma forma procurar um “trabalho” fora de casa, este, em último caso, pois não era vista com bons olhos a mulher que saísse à procura de um emprego que não fosse em sua casa. Aries & Duby reitera que:

O ideal, para uma jovem, é ficar na casa dos pais sem trabalhar. Se precisar, o melhor é que trabalhe permanecendo na casa dos pais, por exemplo, costurando por encomenda. É somente nas camadas mais baixas da escala social que uma jovem vai trabalhar fora: na fábrica, na oficina ou na casa de um particular como doméstica. (2009, p.18)

A ideia da participação das mulheres no mercado de trabalho era na época vitoriana um tanto supérflua pois, para as moças com um poder aquisitivo regular não havia razão para trabalhassem, geralmente o que aprendiam em relação ao trabalho lhes serviriam apenas para seus afazeres domésticos. No entanto, para as moças que não faziam parte de uma família rica era preciso não só aprender como ser uma costureira ou porventura dama da sociedade, mas também ensinar o que aprendiam para as moças mais afortunadas em suas casas já que, estas como igual, também não poderiam frequentar uma instituição de ensino. Nesta perspectiva, Monteiro retrata que:

Restava a elas ensinar o que sabiam, surgia aí a governanta, uma figura feminina importantíssima na era Vitoriana. As damas da alta classe não tinham tempo ou não querem educar seus filhos, muitas famílias mandavam suas crianças para os colégios, mas a grande maioria preferia que suas filhas fossem educadas na segurança e no conforto de seu lar. A professora particular, chamada de governanta, passou a exercer papel fundamental na educação das pequenas damas. (1996. p.61)

Muitas das damas da sociedade eram um tanto ocupadas com organizações de bailes e participações nas igrejas. Desta forma, não podiam estar a todo momento atuando na criação de suas filhas. Nesse caso, eram contratadas as governantas. Era um meio seguro de educar as filhas em casa sem precisar que elas estudassem em outras localidades onde ficariam longe dos

olhos dos pais e poderiam ver um mundo por outras perspectivas e como conseguinte outras possibilidades.

Costumeiramente, as governantas eram primas da família ou uma moça filha de sacerdote ou educada num convento. A governanta tinha como principal função educar suas pupilas de uma forma fina, ensinando regras de comportamento e principalmente como deveria ser a posição de uma mulher diante da sociedade e dos homens. Seguindo o pensamento de Monteiro

Apesar da boa educação e do requinte, as governantas não eram vistas com bons olhos, havia um enorme preconceito com relação a essa classe. Ela era agregada ao lar, mas de certa forma não fazia parte dele, não era uma servente, mas não era da família. Baixos salários e exploração era a realidade dessa atividade. Filhas de comerciantes encantadas pela "falsa liberdade" desta tarefa, passaram a ser governantas. As famílias passaram a temer a influência das destas sobre suas pupilas, tinham medo de que as professoras despertam em suas filhas esse ideal de liberdade. (1996. p.61).

Como as governantas não eram casadas, eram moças também solteiras, sentiam-se livres por não depender de um marido e não precisar cuidar de uma casa. Porém, esta não era uma tarefa bem paga, elas não recebiam um salário merecido e às vezes faziam mais do que simplesmente ensinar boas maneiras para as pupilas. Mesmo assim, o fato de poderem trabalhar sem que fossem apenas como dona de casa, as faziam sentir libertas a ponto de querer igualizar seus direitos com os direitos dos homens.

Devido a esta realidade, os pais sentiam receio em deixar que uma governanta cuidasse de suas filhas, pois tinham medo que as mesmas fossem influenciadas por esse ideal de liberdade, e quisessem se rebelar e ir contra os preceitos da sociedade que seriam os mesmos: casar e ter filhos, cuidar do marido, da casa, e nada mais. Seus medos eram ainda mais intensos no sentido de que, “A independência econômica é uma condição para a liberdade – tanto da ação como da reflexão e também do sentimento. Muitas vezes é condição para a manutenção da própria dignidade”. (ALBORNOZ, 1985, p.62).

Não mais sendo obrigadas às atividades domésticas, nas paredes de seu lar, as mulheres começariam a ter um contato claro com o mundo, não mais regulado por seu esposo ou filhos, interagindo, desta forma, diretamente com as realidades sociais. De acordo com Aries & Duby:

E tão pouco constitui a norma: É o que mostra o caso do trabalho feminino. Durante gerações, o ideal consistia em que as mulheres ficassem em casa e cuidassem do lar: Trabalhar fora era sinal de uma condição especialmente pobre e desprezível. Ora - e essa inversão corresponde a uma das grandes evoluções do século XX -, de repente o trabalho doméstico das mulheres passa a ser denunciado como uma alienação, uma sujeição ao homem, ao

passo que trabalhar fora vem a ser para as mulheres o sinal concreto de sua emancipação. (2009, p.34)

Na condição de mãe de família e dona de casa, todos os passos da mulher eram guiados por seus pais ou marido, sendo assim ela (mulher) dependia da opinião de outrem para poder realizar seus desejos. Apesar disso, no século XX a mulher começou a ter trabalhos fora de seu lar, o que preocupava a sociedade patriarcalista pois, as mesmas começavam a ter o seu ideal de liberdade através dessa “falsa independência”, usamos o termo falsa independência porque além de trabalhar fora a mulher também trabalhava em casa, ou seja, dupla jornada de trabalho. Todavia, isso não era comum na sociedade vitoriana visto que, a mulher não deveria de forma alguma governar-se a si mesma, tão pouco ao seu corpo.

3 Uma breve descrição sobre a sexualidade da mulher vitoriana no século XX

Considerando um pensamento psicanalista, “na psicanálise, compreendemos o sentido de sexualidade, desejo consciente e inconsciente, pulsões, fantasias, mecanismos de defesa, desenvolvimento do recalque, entre outros elementos que constituem a psique do Ser [...]”. (OLIVEIRA, 2017, p.21)

Geralmente, a sexualidade não era algo muito discutido entre as damas de nobre linhagem, acreditava-se que a mulher fosse isenta de desejos. O sentir prazer e satisfazer-se era permitido apenas para os homens, o amor era um jogo perdido, já que o propósito do casamento era apenas a satisfação do marido e a procriação de seus herdeiros. Pereira comenta que:

A mulher vitoriana não sonhava em ser independente ou em realizar grandes feitos para a sociedade, ela sonhava sim, em dar herdeiros a seu marido, e, para isso tinham que se submeter aos desejos carnis deste, porque ela não tinha prazer algum na relação sexual, mas esse era o único meio de honrar seu marido com filhos. O sexo era tabu, não se falava sobre, casadas este era um assunto que não podia fazer parte das conversas entre damas. Bordados, bailes ou costura eram assuntos mais adequados. A religiosidade era outro aspecto no qual a dama vitoriana era impecável, ler a bíblia, decorar passagens para citar para o marido e filhos era algo essencial (2010 p.4).

A vida sexual das mulheres do século XX raramente era comentada, pois as mesmas acreditavam que não deveriam sentir prazer, esse era um privilégio total e exclusivo dos homens. Já sabendo de sua função como esposa, as próprias desejavam apenas dar filhos ao marido e, para isso, se submetiam ao sexo com intuito de realizar suas vontades. O fato de a mulher ser tida como pura, sensível, intuitiva e frágil fazia com que parecesse sem valor. Assim

como a educação, via-se o sexo como algo que pudesse dar à mulher um certo tipo de liberdade, em função disso, a menção ao mesmo era reprimida. Foucault afirma que:

Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada. Quem emprega essa linguagem coloca-se, até certo ponto fora do alcance do poder desordena a lei, antecipa, por menos que seja, a liberdade futura. (1988 pg.12)

Sendo assim, mesmo que a mulher tivesse desejos ela era proibida de falar sobre eles, apenas o sentia interiormente “pois a sexualidade continua vinculada à procriação” (ARËES; DUBY, 2009, p.77). Foi através do puritanismo³, da repressão intelectual e sexual que uma das principais consequências do processo de integração das mulheres no meio social não acontecia.

Elas eram simplesmente proibidas de pensar no prazer ou chegar a senti-lo, nesse sentido, não havia restrições a posição social da mulher, a condição de se nascer mulher já era o estopim para um leque de proibições sofrida pelo gênero feminino. Até mesmo uma simples questão de higiene poderia ser vista com maus olhos pela sociedade “A igreja desconfia da obsessão pela limpeza. A descoberta do próprio corpo pode estimular toques suspeitos ou despertar o desejo de conhecer o corpo do outro”. (ARËES; DUBY, 2009, p.284). É possível estabelecer que muitos fatores contribuíram para a repressão sexual da mulher, dentre eles o que se predomina é o patriarcado, que tinha o homem como total autoridade e era visto como um dos maiores poderes da sociedade.

4 Uma breve relação entre Virginia Woolf e Mrs. Dalloway

Adeline Virginia Woolf nasceu em 25 de janeiro de 1882, em Kensington, Middlesex. Conhecida por ser uma das mais proeminentes figuras do modernismo, foi uma escritora, ensaísta e editora britânica. Virginia Woolf era filha do escritor e editor Leslie Stephen, o qual deu-lhe uma educação esmerada, de forma que a jovem teria frequentado desde cedo o mundo literário.

Virginia Woolf fazia parte do grupo de Bloomsbury que consistia em um círculo de intelectuais que logo após a Primeira Guerra Mundial, se colocaria contra as tradições literárias,

³ O puritanismo foi uma *doutrina protestante baseada no Calvinismo*, orientada por princípios morais rígidos e forma simples de adoração praticados na Inglaterra durante o século XVI, em que os preceitos se pautavam no cristianismo puro, seguindo normas de condutas mais rigorosas que as ordinariamente vigentes.

políticas e sociais da era Vitoriana com o intuito de lutar pelos direitos humanos. As obras literárias construídas no grupo eram publicadas pela *The Hogarth Press* editora da família Woolf.

Em janeiro de 1904, Woolf teve seu primeiro artigo publicado no suplemento feminino impresso pelo *The Guardian*. Dona de uma vasta criação literária que era composta por: Romances, contos, biografias, ensaios, diários prefácios entre outros. Em 1915, publicou seu primeiro romance intitulado “*The Voyage Out*”. Posteriormente, publicou outros romances dos quais destacam-se: “*Night and Day*” (1919), “*Jacob’s Room*” (1922), “*Mrs. Dalloway*” (1925), “*To the Lighthouse*” (1927), “*Orlando: A Biography*” (1928) e “*The Waves*” (1931).

Woolf era considerada uma escritora modernista, uma vez que, utilizava-se de recursos como o fluxo de consciência em suas obras, o que fazia com que seus personagens dialogassem internamente consigo mesmos sobre sua condição na sociedade da qual fazem parte.

Em seus escritos, costumava aproximar o leitor de seus personagens utilizando-se da estética da arte para dar aos mesmos (personagens) uma certa autonomia, mesmo que em épocas longínquas como a sociedade vitoriana, muitas pessoas não pudessem liderar suas próprias vidas. Vemos isso ser representados ficcionalmente (personagens) e na realidade (leitores), pois Virginia tinha a capacidade de fazer com que esses dois polos fossem o mesmo. (Horst e Haartmann)

Conceituada por muitos críticos literários como, feminista, Virginia não considerava-se adepta a este movimento, no entanto, sua visão das mulheres se fazia bem presente em suas obras, pois suas personagens femininas estão sempre buscando questionar seu lugar na sociedade e tomando as rédeas de sua condição enquanto mulher em uma sociedade moralista e patriarcalista.

Em 14 de maio de 1925, através da junção de outros dois contos que vem a ser: *Mrs. Dalloway in Bond Street* e o incompleto *The Prime Minister* que Virginia Woolf começa a descrever um dos romances ingleses mais famosos já conhecidos.

Para prosseguirmos com a análise faz-se necessário saber o que os demais leitores/críticos, pensam sobre a obra *Mrs. Dalloway* de Virginia Woolf, para isso, veremos a seguir uma resenha crítica feita por Costa (2013) que diz o seguinte:

Um clássico da literatura inglesa, “*Mrs. Dalloway*” é provavelmente o livro mais famoso da aclamada escritora Virginia Woolf. Seja pela sua crítica afiada aos costumes sociais ingleses ou pelo seu estilo narrativo revolucionário, “*Mrs. Dalloway*” é até hoje uma das obras mais desafiadoras para leitores do mundo todo, principalmente pelo seu desenrolar que está longe de ser simples. Objeto de várias críticas na época em que foi publicado, é inegável que

hoje seja uma peça essencial para a literatura mundial. Seja como for, com *“Dalloway”*, Virginia Woolf renovou a literatura inglesa e deixou uma marca obrigatória para todo leitor.

O livro se propõe a uma tarefa muito simples: contar o dia da senhora Dalloway, uma típica dona de casa rica dos anos 1920 enquanto ela prepara uma festa que dará à noite. Entretanto, a simplicidade para aí. A partir de situações rotineiras, como sair para comprar flores ou costurar um vestido, Dalloway reencontra amigos do passado e recorda sua juventude numa série de inúmeros flashbacks que acabam se misturando à narrativa, de modo que é difícil dizer se o que estamos lendo é passado ou presente. Ao mesmo tempo, vemos outros acontecimentos de vizinhos e conhecidos do casal, como a depressão de um esquizofrênico suicida ou a visita de um homem fracassado e pobretão.

“Mrs. Dalloway” é tão complexo principalmente pelo seu estilo único, chamado de “fluxo de consciência”: basicamente, se trata de um estilo em que o leitor é levado a mergulhar nos pensamentos do personagem. As ações dele, como atravessar uma rua ou abrir uma porta, são menos importantes do que o que ele está pensando no momento. E estes pensamentos geralmente são questionamentos sobre situações do dia, filosofias e até mesmo lembranças, de maneira que a narrativa se constrói não-linearmente, isto é, sem uma “linha temporal” fixa, podendo ir para o passado ou para o presente e até mesmo para o futuro quando bem entender. Um exemplo bem claro disso é que, em *“Mrs. Dalloway”*, a personagem título sai para comprar flores e só chega na loja quase 20 páginas depois; todo esse tempo, ela estava andando na rua, mas nós estávamos acompanhando suas memórias enquanto ela lembrava de um verão de sua juventude, com sua melhor amiga e sua paixão de então.

Cansativo? Para alguns, sim. Para outros, será uma viagem introspectiva levantando questões sobre identidade, valores sociais e existencialismo. *“Mrs. Dalloway”* pode ser um livro sobre uma mulher rica que se lembra da época em que era apenas uma garotinha confusa, mas também pode ser uma viagem dentro do próprio ser humano, mostrando as várias facetas de um personagem – e por que não nossas várias facetas? Vergonha, arrependimento, manipulação e alienação: a fórmula do processo de envelhecer à mercê das expectativas de uma sociedade hipócrita está aqui. *“Mrs. Dalloway”* crítica veementemente os valores e a superficialidade da alta sociedade inglesa, ao mesmo tempo que mostra como os sonhos de uma juventude imensa e ambiciosa são destruídos diante da vida adulta.

“Mrs. Dalloway” pode ter apenas pouco mais que 200 páginas, mas é uma viagem fascinante pelo ser humano. Visceral e modernista, o livro encanta com suas mensagens e críticas ao narcisismo e à mesmice da sociedade, e até mesmo explora em menor escala temas como a sanidade mental, o feminismo e a homossexualidade – uma mistura de polêmicas em

afloramento na sociedade entre guerras em 1920. “*Dalloway*” pode entediar o leitor que procura um livro mais convencional e comercial, mas, para aquele que deseja encarar uma análise ácida sobre o que é ser humano, o livro de Virginia Woolf – uma grande entendedora de dores existencialistas – será arrebatador. (COSTA, 2013).

Para compreendermos o que se passa na cabeça de Clarissa, a autora faz uso de um recurso estilístico do qual foi pioneira, o *Fluxo de Consciência*. “[...] sistema para a apresentação de aspectos psicológicos do personagem da ficção [...]” (HUMPHREY, 1976, p 1-2). Ou seja, utiliza-se da consciência da personagem para explicar suas atitudes diante da sociedade. Como já fora citado anteriormente, o que é relevante é o que a personagem está pensando no momento, não importa em qual ambiente esteja ou o que esteja fazendo, mas sim o que está pensando no momento. Horst e Haartmann (2011) corroboram que:

[...] Virginia expõe uma visão de mundo negativa que mostra um mundo além das coisas, um mundo além da vida pacata e submissa de uma mulher comum do início do século XX, que, durante os preparativos de uma recepção que está organizando, perde-se em seus pensamentos, mostrando que a influência de uma sociedade pode mudar o pensamento de um indivíduo. (HORST e HAARTMANN, 2011, p.63).

Assim, através deste estilo de composição “fluxo de consciência” utilizado pela autora que nos mostra o que a personagem está constantemente refletindo, sobre suas escolhas da adolescência, temos como objetivo analisar a influência da sociedade na vida da personagem *Mrs. Dalloway*. Quais os pensamentos que passam pela mente de Clarissa diante de sua condição de mulher na época vitoriana e o quanto a sociedade tem o poder de interferir em suas escolhas mediante o meio em que vive.

4.1 Clarissa: Richard Dalloway ou Peter Walsh?

Mrs. Dalloway caminha por Londres durante a manhã para comprar flores, preparando-se para realizar uma festa em sua casa nesta mesma noite. Conforme o decorrer do dia, lembra-se da sua juventude vivida no campo, em Bourton, e a faz questionar-se sobre sua escolha de casamento. Ela casou-se com o parlamentar Richard Dalloway ao invés de Peter Walsh por quem nutria um amor na adolescência.

Apesar de viver uma vida confortável ao lado de seu marido, Clarissa não evita lembrar-se de seu passado quando cogitou a ideia de casar-se com o jovem e enigmático Peter Walsh. Mesmo diante da distância e dos anos que os separam, Clarissa indaga-se sobre qual seria a

opinião de Peter sobre pequenas coisas de seu cotidiano, como um passeio no parque para observar a natureza, se ambos vivessem como um casal. Porém, a mesma percebe o quanto nada significaria para o jovem.

Afinal, podiam estar separados durante séculos, ela e Peter; ela nunca escrevia uma carta e as dele eram muito secas, mas de súbito lhe ocorria: “Que diria Peter, se estivesse aqui comigo agora?” Alguns dias, certas cenas lhe traziam de volta, suavemente, sem a antiga amargura; é talvez a recompensa de ter amado as criaturas; voltam em meio de St. James’s Park por uma bela manhã – voltam mesmo. Mas Peter – por mais belo que fosse o dia, e as árvores, e a relva e aquela meninazinha de cor-de-rosa, Peter nada veria disso tudo. Poria os óculos, se ela lho dissesse; e olharia. (WOOLF, 2015, p.12).

Peter amava Clarissa, porém de uma forma um tanto egoísta. O rapaz era aventureiro e tinha uma visão de mundo diferente da sociedade, para ele as mulheres não precisariam ser ignorantes quanto ao mundo. No entanto, com Clarissa ele a via como qualquer homem da época veria uma mulher, como a perfeita dona de casa, visto que, para ele Clarissa comportava os padrões de uma cuidadora do lar, o que seria controverso, pois Peter estava a todo momento discutindo com ela, devido ao fato dela casar-se com Richard Dalloway tornando-se assim uma perfeita dona de casa.

Clarissa realmente gostava de Peter, mas tinha medo de como seria sua vida ao lado dele, ela optou por casar com um homem que não necessariamente ela amava, mas lhe dava segurança e conforto, já que, com Peter isso não seria possível, pois acreditava que com todo o seu amor Peter a sufocaria.

O que lhe interessava era a situação do mundo; Wagner, a poesia de Pope, os caracteres das pessoas, sempre e sempre, e os defeitos dela própria. Como a arrelia! Como discutiam! Ela iria casar-se com o primeiro-ministro e pararia no alto de uma escada; chamava-lhe a perfeita dona de casa (ela até havia chorado no quarto); era o tipo acabado de perfeita dona de casa, dissera ele. E ei-la que ainda se achava argumentando no St. James’s Park, ainda provando que faria bem – como fizera – em não casar com ele. Pois no casamento é preciso um pouco de liberdade, um pouco de independência entre pessoas que moram juntas, dia após dia, na mesma casa; o que Richard lhe concedia, e ela a ele. (WOOLF, 2015, p.12).

Nota-se que embora o ideal de vida de Peter lhe enchesse os olhos ela (Clarissa) opta pela normalidade, pela vida convencional da alta burguesia da época. Entretanto, em seu íntimo, *Mrs. Dalloway* não deixa de pensar em sua escolha de casamento, ela vive uma vida feliz ao lado de Richard, tem uma filha e organiza festas para a elite, uma perfeita dama da sociedade, mas ao mesmo tempo sente como se tivesse perdido algo, como se talvez essa não tenha sido sua melhor opção. Como se o ato de casar-se houvesse tomado sua independência,

o que não vem ao caso devido ao fato de que a mulher não podia ser independente. Em seguida, no momento que começa a refletir sobre sua decisão de não casar-se com Peter, ela começa a divagar sobre os motivos que a levaram a sua escolha.

Com Peter, ela seria como tantas outras, apenas uma esposa, dona de casa e mãe de família dedicada e obediente, pois com ele a privacidade lhe faltaria, o que encontrou em seu casamento com Richard Dalloway.

Mas com Peter tudo tinha de ser compartilhado; tudo tinha de ser esclarecido. Era intolerável, e quando surgiu aquela cena no jardim, junto à fonte, tivera de romper com ele, ou seria um desastre para ambos; seriam ambos arruinados, estava certa; embora lhe houvesse ficado durante anos, com uma frecha cravada no coração, a dor, a angústia; depois o horror de quando alguém lhe dissera num concerto, que Peter se havia casado com uma mulher a quem conhecera durante a viagem para a Índia! Nunca esqueceria aquelas coisas! Fria, sem coração, uma puritana, chamara-lhe Peter. E nunca compreenderia como ele sabia amar. (WOOLF, 2015, pp.12-13)

Além de sentir-se sufocada ao lado do jovem, outra questão também fazia-se presente em relação a escolha feita por Clarissa, o rapaz além de aventureiro não possuía nada de seu, nem mesmo seu nome era de grande status, e isto para a época representava um motivo pelo qual uma moça como ela teria razão para descartar a possibilidade de casamento entre os dois, considerando que o pretendente deveria ser de família rica e possuir um poder aquisitivo considerável, típico da sociedade burguesa da época, qualidades essas, que Richard Dalloway possuía. Ainda, pode-se afirmar que Clarissa casou-se com Richard para ter mais liberdade, pois se tivesse escolhido a Peter isso não seria possível, já que teria que lhe contar tudo que fizesse.

Peter aspirava liberdade e era isso que mais atraía Clarissa, o convencionalismo parecia ser algo rejeitado por ele que gostaria de viajar o mundo e não seguir regras, o mesmo se interessava pelas pessoas, o jeito próprio de cada indivíduo, sua índole e personalidade e não as poses de cada um. Com esse modo de pensar sobre as pessoas, Clarissa era uma vítima de Peter que a julgava constantemente por suas atitudes e escolhas.

Walsh via em Clarissa um grande diferencial das mulheres comuns da época, ela não era alheia às coisas que aconteciam na sociedade da qual fazia parte, porém suas escolhas não condiziam com seu conhecimento e devido a isso ele por estar magoado a insultava verbalmente de inúmeras formas chegando a chamá-la de puritana fria e sem coração e acrescentava que a mesma acabaria sendo uma simples dona de casa, porque tudo que lhe interessava era a sua posição na sociedade.

Mas ao contrário do que pensava Peter, Clarissa fez sua escolha de não casar-se com ele em razão de que, o próprio seria o que a sociedade patriarcal representava na época, ele sabia de seu potencial porém, seu estilo possessivo para com ela não seria diferente de qualquer outro casamento, ela faria apenas o que Peter desejasse. Já com Richard, havia um certo respeito entre ambos, este não chegava a ser invasivo nem exigir que sua esposa fizesse apenas o que fosse de seu agrado.

Em adição, no decorrer da história Peter verbaliza que Clarissa importava-se demasiadamente com a sociedade, que influenciava a vida das pessoas principalmente das mulheres, e a própria Clarissa confirma, no momento em que sente-se angustiada por fazer as coisas pensando no que as outras pessoas iriam pensar e não o que ela realmente deseja. De acordo com Woolf:

Como necessitava ela, Clarissa, que os outros manifestassem agrado quando chegava, pensou, voltando para Bond Street, aborrecida, pois era uma tolice ter segundas intenções para fazer as coisas. Antes ser dessas criaturas como Richard, que faziam as coisas por si mesmas; enquanto ela – pensava, esperando cruzar –, ela não as fazia simplesmente, por si mesmas, mas para que os outros pensassem isso ou aquilo; uma perfeita idiotice, sabia-o (agora o policial erguia a mão), pois ninguém nunca se deixava iludir novamente. (2015, p.14)

Logo, havia em Clarissa um desejo de conhecer as coisas, no entanto, a sociedade em que vivia não a permitia ter este conhecimento, visto que, a vida das moças já era traçada pelo modo tradicional e mesmo que fossem expostas a outras realidades o convencionalismo sempre prevalecia as forçando a seguir os costumes. Clarissa por sua vez, gostava de agradar as outras pessoas e tudo o que fazia era calculado pensando no que diriam os demais, como quando estava caminhando no parque e em uma determinada cena e pensou sobre o que diria Peter sobre a mesma cena lembrando-se assim um dos motivos de não ter casado-se com ele.

4.2 Clarissa: Sociedade x Sally Seton

Como conseguinte, Mrs. Dalloway antes Clarissa Parry continua a relembrar sua adolescência, agora lembrando-se também de Sally Seton sua amiga/amante. Apesar de a época não permitir o relacionamento entre duas pessoas do mesmo sexo, havia uma certa curiosidade em Clarissa sobre como seria estar com uma outra pessoa de seu gênero. No entanto, ela sabia que não era comum ter um interesse que não fosse amizade por outra mulher. Woolf diz que:

Via o que lhe faltava. Não era beleza; não era inteligência. Era essa coisa central, que se comunica; alguma coisa de cálido que quebra a superfície e encrespa o frio contato de homens e mulheres, ou de mulheres entre si. Pois *isto* ela obscuramente o compreendia. Embora a irritasse, embora tivesse um escrúpulo vindo quem sabe de onde, ou, como o sentia, inspirado pela natureza (que invariavelmente sábia), a verdade é que às vezes não podia resistir ao encanto de uma mulher, não de uma menina, de uma mulher que lhe confessava, como às vezes acontecia, alguma aventura, algum deslize. (2015, p.32)

A liberdade sexual na era Vitoriana, era conhecida por ter uma grande repressão das práticas sexuais, pois o que era valorizado seria a vida familiar, constituída por um pai, uma mãe e não gêneros iguais. Clarissa compreendia o que sentia, não era como muitas mulheres, ignorantes a seus sentimentos. Pelo contrário, ela os conhecia e bem. Contudo, a personagem conhecia também o meio social em que habitava, um ambiente totalmente patriarcalista do qual prevalecia a imposição do pensamento masculino em relação à mulher, um ambiente em que os direitos das mulheres eram quase inexistentes e muitos prazeres da vida eram permitidos apenas para o sexo masculino. Clarissa questionava-se sobre isso, no entanto, nada fazia se fosse prejudicar sua imagem perante a sociedade exageradamente moralista.

Neste meio tempo, surge uma personagem que chama a atenção de Clarissa, “Estava sentada no chão – foi sua primeira impressão de Sally –, estava sentada no chão, com os braços rodeando os joelhos e fumando um cigarro.” (WOOLF, 2015, p.33). Este certamente, não era um comportamento adequado para uma dama da sociedade, ainda mais o hábito de fumar, que não passou despercebido aos olhos de Clarissa.

Mrs. Dalloway recorda-se de como aquela mulher chamara-lhe a atenção, não só fisicamente, mas seu comportamento diante das pessoas, “[...] Como se pudesse dizer o que quer que fosse, fazer não importa o quê; uma qualidade muito mais generalizada entre as estrangeiras que entre as mulheres inglesas.” (WOOLF, 2015, p.33). Clarissa a admirava, pois via em Sally o que queria para si, entretanto, não era capaz de permitir-se fazer o mesmo, visto que Seton não era um modelo correto de moça de família, aquele padrão em que as moças deveriam ser puras, dedicadas e obedientes, perfeitas para o casamento, enquanto Clarissa seguia esse molde perfeitamente, bem como as mulheres da época.

Apesar de não agir como sua amiga diante da sociedade e simplesmente ir contra todos os preceitos impostos pela mesma, que seria retomando citações anteriores, ter um perfil delicado e obediente e casar-se com um homem de preferência rico e assim constituir uma família, quando estava com Sally ela pensava como a amiga, e imaginava-se mudando o mundo ao seu lado.

Ficavam horas e horas no quarto mais alto da casa, falando da vida e de como reformariam o mundo. Pensavam fundar uma sociedade para abolir a propriedade privada, e até haviam escrito uma carta, embora não a tivessem remetido. As ideias eram de Sally, naturalmente – mas logo ela se sentiu igualmente entusiasmada: lia Platão na cama, depois do café; lia Morris; lia Shelley durante horas. (WOOLF, 2015, p.33)

Nesse sentido, é perceptível o quanto Clarissa conhece a sociedade e discorda dela, juntamente com Sally que é destemida e não aceita ser tratada com inferioridade diante dos homens. Porém, deve-se levar em conta que por enquanto que estavam em, Burton, Clarissa estava rodeada de seus familiares ao contrário de Sally que não tinha ninguém que pudesse zelar por seu nome ou tomar conta dela. A sociedade a julgava e ela revidava, mas como Clarissa poderia fazer isso se todas as suas ações eram controladas não apenas por seu pai mais também por sua tia? Devido a isso, apesar de concordar com as ideias de Sally e fazer parte de muitas delas Clarissa não as seguia.

Sally mostrava a Clarissa o que a sociedade escondia, as mulheres que geralmente não tinham acesso a um tipo de educação que não envolvesse cuidar de um lar, eram cegas diante de um meio social opressor, mas a amiga de Clarissa tinha conhecimento do mundo, lia livros de autores revolucionários como Platão, Morris e Shelley, e despertava em Clarissa a curiosidade de também entender o mundo e se possível mudá-lo, Sally a emprestava livros e discutiam sobre a situação das mulheres na sociedade e era isso que Clarissa amava em sua amiga, seu modo por menor que fosse revolucionário.

O estranho, quando recordava, era a pureza, a integridade de seus sentimentos para com Sally. Não era como o que se sente por um homem. Era completamente desinteressado, e, de resto, tinha uma qualidade que só pode existir entre mulheres, entre mulheres recém-saídas da adolescência. Era um sentimento protetor, por sua parte; provinha da impressão de estarem coligadas, o pressentimento de que alguma coisa fatalmente as separaria (sempre falavam do casamento como de uma catástrofe), e daí aquele cavalheirismo, por assim dizer, aquele sentimento de proteção muito mais forte do seu lado do que em Sally. (WOOLF, 2015, p.34)

Sally permitiu a Clarissa observar a sociedade por um lado mais crítico, a fez questionar-se sobre a injustiça sofrida pela mulher e de certa forma mudar seu senso comum, como dito anteriormente, emprestava-lhe livros para que Clarissa tivesse acesso a literatura e assim pudesse compreender o mundo ao seu redor. Clarissa amou Sally, mas não era um sentimento sexual, e sim de completude, pois Sally desafiava o conformismo e tinha curiosidade em fazer parte da sociedade ativamente igual aos homens e de certa forma, a protagonista compartilhava da mesma curiosidade de sua amiga.

Houve, no entanto, um momento em que Clarissa experimentou como seria estar ao lado de Sally, um momento em que não havia mais nada ao seu redor eram apenas Sally e Clarissa, porém como se não pudesse aproveitá-lo, logo é tirada de seu mundo quando sente o quanto aquele ato de aproximação entre ela e Sally lhe custaria. Peter Walsh e Joseph Breitkopf sendo todo o peso da sociedade com apenas um olhar de reprovação para as moças, reflexo do preconceito da sociedade.

Peter Walsh e Joseph Breitkopf continuavam falando de Wagner. Ela e Sally ficaram um pouco para trás. Veio então o mais raro momento de toda a sua vida, ao passarem por uma urna de pedra com flores. Sally parou; colheu uma flor; e beijou Clarissa nos lábios. (...) – contemplando as estrelas? – indagou Peter. Foi como bater com a face de encontro a um muro de granito nas trevas. Chocante; horrível! Não por ela própria. Sentiu apenas que Sally já estava sendo ferida, maltratada; sentiu a hostilidade dele; o seu ciúme; a sua determinação de intrometer-se na camaradagem de ambas. Tudo isso ela o viu como se vê uma paisagem durante um relâmpago... e Sally (nunca a admirou tanto como então!) Soube manter-se invulnerável. (...) “Oh, que horror!”, dizia consigo, como se já soubesse que alguma coisa interromperia, amargava o seu instante de felicidade. (WOOLF, 2015, pp.35-36)

Assim sendo, nota-se o quanto Clarissa é afetada pelo julgamento de Peter, sua hostilidade representando uma sociedade moralista e preconceituosa, ela sabe que seu modo de tratá-las resultaria em sua falta de liberdade se tivesse porventura escolhido casar-se com ele, pois o jeito que dirige-se a ambas não é nada mais do que o poder que os homens possuíam diante das mulheres, o que reforça sua escolha de não ter casado-se com o mesmo e consequentemente não estar junto a Sally.

5 Mrs. Dalloway: A influência da sociedade em sua vida

Nesta seção, analisaremos a influência que a sociedade teve nas escolhas de Mrs. Dalloway, na perspectiva das impressões de outros personagens, podemos perceber que, muitas vezes além da própria Mrs. Dalloway narrar os fatos de sua vida adolescente, Woolf também nos mostra como tudo ocorria com os pensamentos de outros personagens, sobretudo Peter Walsh. O mesmo, estava a todo instante julgando Clarissa por suas atitudes sem levar em consideração o que ela sentia.

Para a época, mulheres como Clarissa não tinham muitas oportunidades na vida pública ou privada, como afirma Perrot (2015) eram educadas por seus pais para serem verdadeiras damas da sociedade, isso implicaria ser apenas esposa, dona de casa e mãe de família, estudo ou trabalho compreendia quase que unicamente aos homens, sendo assim, mesmo que as

mulheres/moças da época vitoriana, tivessem acesso a esses mecanismos que fazem parte da sociedade só seriam reconhecidas por um título de esposa.

Clarissa precisava fazer suas escolhas diante de sua condição de moça de família, mas Peter nunca à entendeu, continuava a jogando mesmo depois de reencontrá-la naquela mesma manhã da festa, que Clarissa preparava para os burgueses que conviviam com ela e seu marido.

Compondo os vestidos, compondo os vestidos, como sempre, pensava ele, assim esteve ela sentada todo o tempo em que andei pela Índia; compondo os vestidos: atarefando-se; indo a festas; correndo à Câmara; e, com tudo isso, cada vez mais irritada, mas inquieta, pois não há nada no mundo tão mau para algumas mulheres como o casamento, pensou; e a política; e ter um amigo conservador, como o admirável Richard. (WOOLF, 2015, p.39)

Nota-se o quanto Peter podia ser egoísta em relação a Clarissa, apesar do mesmo não concordar em ela ser apenas uma dona de casa, esposa e mãe de família, eram praticamente essas intenções que o jovem Peter tinha com a moça. Mesmo querendo viajar o mundo com Clarissa ao seu lado, ele também gostaria de a exibir para a sociedade, porém a dama não o escolheu intensificando assim seu julgamento um tanto exclusivista perante Mrs. Dalloway.

Clarissa Parry, era uma das poucas mulheres que entendia a opressão do masculino sob o feminino, isso graças a sua amiga Sally que ia contra todos os princípios impostos pela sociedade, despertando também esse ideal de liberdade em Clarissa.

Todavia, ela seguia a sociedade, mesmo que vinhesse uma vontade sabe-se lá de onde de não seguir o que lhe era imposto e fazer o que tivesse vontade sem importar-se com julgamentos, continuava seguindo o que a sociedade diria ser certo ou errado. Em um determinado momento da conversa com Peter, Clarissa lembra-se de como era viver em Burton e o indaga se o mesmo também se recorda, nesse momento percebemos o poder patriarcal mais forte ainda na vida dela, quando seu amigo lembra-se de como era o pai de Clarissa.

Lembro-me, sim – disse ele; e recordava aqueles almoços da manhã, a sós, muito embaraçosos, com o pai dela; que tinha morrido; e ele não escrevera a Clarissa. Mas nunca pudera entender-se com o velho Parry, aquele velho rabugento e doentio que fora o pai de Clarissa, Justin Parry. [...] –Quisera haver-me dado melhor com teu pai – disse ele. (WOOLF, 2015, p.40)

Nessa perspectiva, é notável que o pai de Clarissa foi mais uma das grandes razões para que a mesma não casasse com Peter, visto que os mesmos não agradavam um ao outro.

Percebemos em Clarissa, uma certa urgência em seus pensamentos para tentar justificar-se o tempo todo em não ter escolhido a Peter, pois apesar de tudo ela o tinha amado, mas não pudera o escolher, em razão de que, ele não comportava o padrão exigido por sua

família. Em meio a essas condições ela busca nas atitudes dele razões para não o ter lhe permitido fazer parte de sua vida como seu esposo, ela utiliza-se de desculpas como o comportamento dele para justificar-se, “[...] era essa a fraqueza de Peter, a sua estúpida falta de modos; era a sua absoluta despreocupação com o que pensariam os outros, que a aborrecera sempre; e agora, naquela idade, que estupidez!” (WOOLF, 2015, p.44). Ela o observava e na tentativa de ver se optou pela melhor escolha, acaba fazendo o que Peter sempre fez, ela o julgava.

Conforme a conversa flui, Peter em seu íntimo continua a recordar momentos de quando vivia em Burton, momentos principalmente em que sentia o desprezo do pai de Clarissa diante dele, e o quanto o velho o desaprovava por sua conduta chegando até mesmo a discutirem. “Burton era um lindo lugar, era mesmo um lindo lugar; mas eu nunca pude entender-me com o velho, pensou. Houvera até uma cena, certa noite – a propósito de quê, não podia lembrar-se. Política, provavelmente” (WOOLF, 2015, p.51). Desse modo, constatamos o quanto a vida de Clarissa não a pertencia, no sentido de que a mesma obedecia ao seu pai que seguia sociedade patriarcal.

A rejeição do pai de Clarissa não aplicava-se somente a Peter mais também a Sally Seton, pois o comportamento de ambos não seguia o padrão típico da sociedade. Como Peter, ou até mesmo mais resistente a seguir as ordens da sociedade por ser mulher e por isso fazer parte do sexo que sofre opressão, Sally era tudo que a sociedade patriarcal queria esconder. De acordo com Woolf:

Era a melhor amiga de Clarissa, uma criatura atraente, bela, morena, com reputação de grande audácia para a época, ele costumava dar-lhe charutos, que ela fumava no quarto; ou fora noiva de alguém, ou brigara com a família; e o velho Parry detestava igualmente a Sally e a ele, Peter, o que era um grande elo entre ambos. (2015, p.54)

Sendo assim, entende-se que além de lutar contra o exterior (sociedade) Clarissa também tinha que enfrentar os desafios impostos por sua família (pai) não sobrando assim muita possibilidade de não optar pelo convencionalismo da época.

Por mais que as moças da época tivessem um ideal de liberdade fora dos padrões da sociedade, não era comum as mulheres seguirem um rumo diferente em suas vidas. Existiam sim, aquelas que se negavam a conviver em uma sociedade em que suas opiniões não importavam e lhes eram negados muitos prazeres da vida, essas moças muitas vezes possuíam um poder intelectual comparados ao dos homens se não maiores, conheciam a injustiça sob os sexos, entretanto, essas (mulheres) eram muito poucas e muitas vezes sozinhas.

A história continua através das memórias de Peter, que logo após sair da casa de Mrs. Dalloway recorda-se de Sally, como a moça era a frente de seu tempo, como recusava-se a viver sob regras determinadas pela sociedade patriarcal da época, quando o inesperado acontece “Era Sally Seton – a última pessoa no mundo de quem se esperaria que fosse casar com um rico e habitar um casarão nos arredores de Manchester, a selvagem, a ousada, a romântica Sally!” (WOOLF, 2015, p.64). Sally era o modelo de contrariedade, a garota não concordava com todas as formas de opressão sofrida pelas mulheres da época, discutia sobre política entrava em lugares privados pertencentes somente aos homens, e era justamente isso que Clarissa amava nela. Contudo, aquele ideal de liberdade simplesmente desapareceu fazendo com que a mesma fosse obrigada a mudar sua identidade devido ao fato de que agora deveria sucumbir ao seu novo papel de esposa, mãe de família e dona de casa. Seu comportamento deveria ser moldado perante a sociedade e seus desejos negados.

Desta forma, compreende-se o quanto a sociedade era extremamente dominante na época, se a jovem Sally Seton que nada a abalava resolveu parar de lutar contra a sociedade opressora, o que ela, a doce Clarissa Parry poderia fazer? Ainda mais quando era ela quem sofria mais cobranças tanto do lado de sua família como também de seus amigos.

Era óbvio, casar-se com Richard Dalloway e se tornar a perfeita dona de casa. Continuar a viver uma vida planejada por outrem, ao lado de um homem rico que apesar de tudo lhe propiciava conforto e uma certa liberdade, sem dúvida a melhor escolha.

Entretanto, viver nessa sociedade não era de todo mal para Mrs. Dalloway, o fato de amar a vida e fazer as coisas pensando em qual seria a reação de outras pessoas era para ela algo estimado, pois amava saber que possuía um status elevado diante dos mais afortunados. “O mais óbvio que se poderia dizer dela é que era mundana; preocupava-se demasiado com a posição, a sociedade, os êxitos de salão – o que era verdade, num sentido; ela própria o reconhecia (sempre se podia fazer com que se confessasse as coisas; era leal)”. (WOOLF, 2015, p.67). Sendo assim, percebemos que apesar de suas escolhas serem feitas em função do meio social em que vive, Mrs. Dalloway além de aceitar sua função social, ela o aprecia, desenvolvendo com maestria seu papel de dama da sociedade.

O ato de oferecer festas para as pessoas da alta sociedade, era para ela, um modo de celebrar a vida e ao mesmo tempo sentir-se importante, além de manter os padrões visto que era um evento social, se as pessoas da alta burguesia frequentavam sua casa isso a fazia de certo modo, elogiável. Dessa forma, é notável que apesar de não ter tido muitas opções de como decidir seu futuro, já que foi influenciado pela sociedade, Mrs. Dalloway também o escolheu, visto que a mesma sente prazer em fazer parte disso tudo.

Esse modo de viver, era visto para muitos como algo superficial, uma exibição, mas para Clarissa era mais do que isso, era seu trabalho, era seu modo de mostrar que apesar de tudo a vida era boa e obtinha sua realização pessoal, pois sentia-se útil e ainda assim permaneceria dentro dos padrões, porém como de costume, Peter era sempre contrário a suas ações.

Pensavam, ou Peter pelo menos pensava, que ela gostava de impor-se; que gostava de ter pessoas famosas em torno de si; grandes nomes; uma simples esnobe, em suma. Bem, Peter podia pensar assim. Richard, esse, achava apenas uma loucura buscar excitações, quando ela bem sabia que isso lhe fazia mal ao coração. Uma infantilidade, achava ele. E ambos estavam muito enganados. O que ela amava era simplesmente a vida. (WOOLF, 2015, p. 104)

Richard, assim como, Peter não via sentido algum nas festas oferecidas por sua esposa, acreditavam eles que era uma perda de tempo e um exibicionismo desnecessário. No entanto, para Mrs. Dalloway, organizar festas era também um modo de se redimir por suas escolhas, redimir-se por continuar com o mesmo ciclo vicioso imposto pela sociedade patriarcalista e ainda, uma forma de algum dia ser lembrada por seus dotes de dona de casa.

No desenrolar da história, quando a narração volta para Mrs. Dalloway percebe-se que mesmo depois de tanto tempo após ter feito sua escolha de não casar-se com Peter, a personagem ainda é muito afetada por ele, é de seu interesse saber o que pensa seu antigo amor sobre suas festas, mas nem Peter nem ninguém entenderia. Oferecer festas era o seu trabalho, era o que sabia fazer e ser elogiada era a recompensa.

Uma oferenda pela própria oferenda, talvez. Em todo caso, era esse o seu dom. Não tinha nenhum outro, por mínimo que fosse; não podia nem pensar, nem escrever, nem ao menos tocar piano. Confundia os armênios com os turcos; amava o sucesso; abominava o desconforto; tinha necessidade de ser estimada, dizia uma porção de tolices; e ainda agora, se lhe perguntassem onde ficava o Equador, não saberia responder. (WOOLF, 2015, p.105)

Portanto, apesar de estar constantemente no decorrer do dia relembrando suas atitudes e escolhas, e parecer arrepende-se da maioria delas, ela também busca razões para provar para si mesma que tomou as decisões certas. Organizar festas era seu dom, era o que ela sabia fazer de melhor, dado que sentia-se na obrigação de ter um papel significativo na sociedade e carecia do apreço da alta burguesia. Ter sucesso conseguindo levar convidados a sua casa.

O enredo segue-se até à noite em que acontece a festa oferecida por Mrs. Dalloway com a presença de pessoas muito importantes como o primeiro ministro e uma visita inesperada, Lady Rosseter a antiga Sally Seton aparece sem convite. Clarissa fica extremamente feliz em

ter seus dois amigos presente em sua festa, Peter e Sally, no entanto, além de agora ocupar uma posição social de grande status na sociedade era a anfitriã da festa e precisava deixá-los a sós para que pudesse atender aos outros convidados. “ Sally seria sempre uma parte disso tudo; Peter também. Mas devia deixá-los. Ali estavam os Bradshaws, de quem não gostava”. (WOOLF, 2015, p.153).

Clarissa Dalloway, estava ciente de tudo que havia acontecido, suas escolhas de adolescente tiveram de certa forma um bom resultado, pois mesmo que tivesse conhecimento e vontade de mudar a sociedade quando era jovem, poder ter o direito de liberdade e fazer suas coisas por si só, que não seria típico, ela não continuou. Casar com Richard ao invés de Peter foi sua melhor escolha porque apesar de ser tida como esposa, dona de casa e mãe de família, seu marido não era evasivo lhe dava liberdade com Peter teria sido diferente. Mudar o mundo com Sally não seria possível para ambas já que a sociedade foi de maior influência tanto na vida de Clarissa como também na de Sally. O único jeito era seguir o que a sociedade considerava ser o certo.

Dessa forma, compreende-se que toda a vida de Clarissa foi moldada pela sociedade, e a mesma tinha consciência de que seria assim fazendo com que ela escolhesse o que mais lhe seria conveniente, se deveria casar-se, então que fosse com alguém que lhe proovesse conforto, segurança e liberdade.

Considerações Finais

Esta revisão bibliográfica teve como objetivo analisar a influência da sociedade na vida da personagem Mrs. Dalloway, mais precisamente, focado nas escolhas feitas na adolescência. E busca as possíveis razões para que a mesma optasse por casar com um homem que não amava, ao invés de seu amor da juventude.

Vale salientar que a era vitoriana era dominada pelo patriarcado que impossibilitava muitas mulheres de ter uma participação ativa na sociedade, Mrs. Dalloway fazia parte da elite burguesa, em que o poderio masculino dava preferência exclusiva aos homens, o casamento era sua única alternativa. Utilizamos como referencial teórico Bourdieu (2012), Foucault (1988), Perrot (2016) Pereira (2010), Magalhães (1980), Monteiro (1996), entre outros. Além disso, compreende-se que a vida da personagem era ditada pelo contexto social da época, pois a mesma não possuía direito algum e pelo motivo de não ter controle sobre as próprias tomadas de decisões era condicionada a viver sob as ordens subentendidas do poder patriarcal.

É possível afirmar que Mrs. Dalloway vivia em uma sociedade em que o patriarcado era dominante, embora que existissem outras mulheres das quais não concordavam com a ideologia opressora do mesmo, era incoerente tentar se opor a esse poder. E Clarissa sabia o que sentia em seu íntimo, sabia de que amava a Peter e que ele era diferente dos outros homens, porém as atitudes de Peter a sufocava, ele queria ser de certa forma seu “dono” e com o ideal de liberdade de Peter um relacionamento entre ambos seria algo desgastante.

Em adição, com Sally não haveria nem mesmo a concretização do início de uma relação conjugal entre as moças, visto que, diante da sociedade severamente opressora as mulheres estavam destinadas a ser submissas aos homens, e somente a eles, logo não podiam governarem a si mesmas, e era necessário naquela época haver um poder masculino dominante em sua vida, quando jovem esse papel era desempenhado pelo pai e quando adulta, pelo marido através do matrimônio.

Dessa forma, a sociedade não apenas influenciou as escolhas na vida de Mrs. Dalloway, mas também ditou como ela gostaria que assim fosse, pois a mesma apenas apresenta curiosidade em saber como seria se tivesse feito escolhas diferentes, no entanto, não parece se arrepende devido ao fato de ela mesma concordar com o patriarcado e principalmente sua posição na sociedade.

Em suma, por meio desta pesquisa, podemos perceber o quanto é relevante considerar os aspectos exteriores a vida do sujeito, avaliando as decisões tomadas por uma pessoa que podem partir da personalidade, e seu contexto sócio histórico, no caso da personagem Clarissa,

havia um senso comum diferente das outras moças da época e era muitas vezes de seu desejo mudar o mundo, no entanto, ela vive a partir dos costumes da época, e ela própria já acreditava que deveria ser como a sociedade exige de seu papel como mulher, em dever se casar, cuidar da casa do marido e dos filhos.

ABSTRACT

Life is made of choices and often a person who makes a choice it is not think solely of their wills but of what others will think. It is not the first time that the human being usually makes decisions based on their social environment and thus becomes an obedient being. This work presents an analysis of how the society had influence in the life of the character Clarissa, in the work *Mrs. Dalloway* by *Virginia Woolf*. In addition, in the Woolf's work presents how the social role of women was in the Victorian era. In order to base this research, we use the contribution of theorists such as Michelle Perrot (2016), Michel Foucault (1988), Pierre Bourdieu (2012), Pereira (2010), among others. Our research is classified as a literature review, when we read books and articles as object of study. We observed in the character Clarissa that her choices were made based on what society's rules; however, in her heart she was also what she wanted, although she often seemed to regret her decisions when she was a teenager, when she appeared to have the desire to change the world next to your loves. Although Mrs. Dalloway chose to live a traditional life, following the precepts of society and often she showed repentance, she searches in her decisions by reasons to have taken the better way, because in her role as woman, this was the only way to live comfortably.

Key words: Mrs. Dalloway; Society; Influence; Choices.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **Na condição de mulher**. Santa Cruz do Sul: Faculdades Integradas de Santa Cruz do Sul, 1985.

ARÌES, Philippe; DUBY, Georges. Fronteiras e espaços do privado. In: PROST, Antoine (Org.). **História da Vida Privada, 5: Da Primeira Guerra aos Nossos Dias**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009, p.18-66.

_____. (2009) Uma História do Segredo. In: VINCENT, Gérard (Org.). **História da Vida Privada, 5: Da Primeira Guerra aos Nossos Dias**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009, p.77.

BOURDIEU, Pierre, 1930-2002 **A dominação masculina/Pierre Kühner**. - 11º ed. - Rio de Janeiro 160p. Bourdieu tradução Maria Helena Bertrand Brasil, 2012

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**, V.1: A vontade de saber. Graal ed. Rio De Janeiro: 1988.

HORST. Evalney Riely. HAARTMANN. Giuliano. **A personagem e o fluxo da consciência em Mrs. Dalloway**. 2011. Disponível em: <http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/1432/1988> Acesso em: 11/03/2017

HUMPHREY, Robert. **O Fluxo de Consciência**. 7ª ed. Trad: Gert. Meyer. São Paulo: Editora McGraw-Hill do Brasil, LTDA, 1976.

PEREIRA, M. R. F. **A mulher na sociedade vitoriana**. Publicado em 17 de novembro de 2010, pp.1,5

LASLETT. **The culture of sensibility**: Disponível em: http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2013/comunicon_2013/gts/gtnove/GT09_BARBOSA.pdf. Acesso em: 10/12/2017

MACHADO, J.L.A. **A situação das mulheres no século XIX**. Disponível em: planetaeducacao.com.br. Acesso em: 02/12/2017.

MAGALHÃES, T. A. L. de (1980) **O papel social da mulher na sociedade** - Revistas da faculdade de direito. Disponível em: [https://doi.org/10.11606/issn.2318-8235.v75;op.123 - 134](https://doi.org/10.11606/issn.2318-8235.v75;op.123-134). Acesso em: 02/12/2017

MONTEIRO. **A mulher na sociedade vitoriana**. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/a-mulher-na-sociedade-vitoriana/52298/>. Acesso em: 02/12/2017. 1996, p.61.

MOREIRA, H. e CALEFFE, L. G. **Classificação da pesquisa científica**. [www.ead.UEPB.br/arquivos/cursos/Geografia PAR.../PESQ ENSINO AULAS-pdf](http://www.ead.UEPB.br/arquivos/cursos/Geografia%20PAR.../PESQ%20ENSINO%20AULAS-pdf). 2008, pp. 70-73

OLIVEIRA, R. K. Santos de. **Sob os escombros da dor e da desilusão: a melancolia em Mrs. Dalloway**. Trabalho de conclusão de curso. João Pessoa, p.16, 2017

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Ed. Contexto, 2015.

WOOLF, Virginia. (1882 - 1941) **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. WOOLF, Virginia; tradução de Denise Bottmann. - Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2016

WOOLF, Virginia. **Mrs. Dalloway**; tradução Mário Quintana; apresentação Marília Gabriela. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

COSTA, Yuri. **[Resenha] Mrs. Dalloway no meu mundo**. <https://resenhasalacarte.com.br/resenha/mrs-dalloway-virginia-woolf/>. Acesso em: 10/10/21018